

**LINGUAGENS ARTÍSTICAS E ALFABETIZAÇÃO: POSSIBILIDADES E
DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE**

**ARTISTIC LANGUAGE AND LITERACY: CHALLENGES AND OPPORTUNITIES
FOR TRAINING AND TEACHING PRACTICE**

**LENGUAJE ARTÍSTICA Y ALFABETIZACIÓN: RETOS Y OPORTUNIDADES
PARA LA FORMACIÓN Y PRÁCTICA DOCENTE**

SALGE, Eliana Helena Corrêa Neves
Mestre em Educação, diretora de Gestão Educacional da Secretaria Municipal de Educação e
Cultura de Uberaba, MG.
elianasalge@terra.com.br

ALMEIDA, Célia Maria de Castro
Doutora em Educação, docente no Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, MG.
celia.mca@gmail.com

RESUMO: A alfabetização é tema central nos estudos em educação por se vincular ao problema do fracasso escolar e à qualidade da educação básica. Ao focar o trabalho de três professoras alfabetizadoras atuantes em escola municipal de Uberaba, MG, esta pesquisa objetivou compreender *como* estratégias relativas às atividades artísticas contribuem para uma alfabetização bem sucedida. Os dados provêm de observação não participante, questionários, entrevistas semi-estruturadas e análise de documentos pedagógicos e de produções dos alunos e alunas. Os resultados mostram as possibilidades de mediação das linguagens artísticas no processo de alfabetização, e indicam que as mesmas podem contribuir para superar desafios de uma fase primordial da educação escolar — a alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização. Linguagens artísticas. Formação de professores.

ABSTRACT: Literacy is the central subject in educational studies as it is linked to the problem of school failure and the quality of the elementary education. When focusing on the work of three active teachers, in a municipal school of Uberaba, Minas Gerais State, the objective of this research was to understand how relative strategies to artistic activities contribute to productive literacy. The data are originated from non-participant observation, questionnaires, semi-structured interviews. Also from the analysis of pedagogical documents or produced by the students. The results show the possibilities of mediating artistic languages in the literacy process, and they indicate that the same ones can contribute to overcome the challenges of a primordial phase of school education — the literacy.

Key Words: Literacy. Artistic languages. Teacher training.

RESUMEN: La alfabetización es un tema central en los estudios en educación por vincularse al problema del fracaso escolar y a la calidad de la enseñanza básica. Al enfocarse en el trabajo de tres profesoras actuantes en un centro docente municipal de Uberaba, estado de Minas Gerais, esta pesquisa ha objetivado comprender *como* las estrategias relativas a las actividades artísticas contribuyen para una alfabetización exitosa. Los datos provienen de observación no participante, encuestas, entrevistas semiestructuradas y análisis de documentos pedagógicos y producidos por los alumnos. Los resultados muestran las posibilidades de mediación de las lenguajes artísticas en el proceso de alfabetización, y enseñan que éstas pueden contribuir para la superación de retos de una fase primordial de la enseñanza obligatoria – la alfabetización.

Palabras-clave: Alfabetización. Lenguajes artísticas. Formación de profesores.

INTRODUÇÃO

Neste artigo destacamos a importância das artes¹ para a educação em geral, enfatizando, principalmente, suas contribuições para o processo de alfabetização².

¹ Ao empregar os termos “artes” ou “arte” referimo-nos às mais diversas produções e manifestações culturais relacionadas ao campo estético. Esta opção pelo sentido antropológico dos termos é o que nos permite nomear
RPD – Revista Profissão Docente, Uberaba, v.10, n. 22, p. 72-90, jul/dez. 2010 – ISSN 1519-0919

Presumimos que a experiência estética é fundamental ao desenvolvimento humano, e que a imaginação e a fantasia estão atreladas à linguagem e à constituição do pensamento (VYGOTSKY, 1982). Algumas práticas artísticas, no nosso entender, podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades imprescindíveis à aprendizagem da leitura e escrita nos primeiros anos de escolarização. Ao concordar que os primeiros anos escolares referem-se à fase mais importante, crítica e significativa da vida de uma criança, defendemos o emprego de linguagens artísticas³ como um recurso auxiliar fundamental à aprendizagem da linguagem verbal (oral e escrita). O artigo trata, portanto, de apresentar e discutir pesquisa que investigou práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras que usam a arte para mediar a alfabetização de crianças.

A alfabetização, no Brasil, é um problema crucial e persistente. Desde as últimas décadas do século XIX o fracasso escolar na alfabetização passou a ser uma preocupação primordial e centro de intensos estudos e debates, por estar diretamente vinculado à qualidade da educação básica (SOARES, 1989). O problema se tornou mais evidente, neste período, porque nele o acesso à escola se expandiu de forma mais acelerada, permitindo que um número cada vez maior de crianças pertencentes às camadas populares nela ingressassem. Desde então, políticas educacionais têm sido implementadas com o objetivo de reverter os índices alarmantes de repetência e evasão que ocorrem, principalmente, nas séries iniciais do ensino fundamental.

Entretanto, o processo de democratização da escolarização não foi devidamente acompanhado de uma transformação da educação escolar, necessária para que a escola pudesse acolher adequadamente as crianças pertencentes às camadas mais pobres da população. O fracasso escolar tem se manifestado de maneira mais evidente no primeiro ano do ensino fundamental, fase da aquisição da leitura e da escrita. Com altas taxas de repetência e evasão, a alfabetização vem se tornando um problema cada vez mais complexo e um dos maiores desafios para o país.

Sem dúvida, fatores socioeconômicos como fome, miséria, desemprego, marginalização social e problemas relacionados à família — analfabetismo dos pais, dentre outros —, contribuem para o insucesso dos alunos e alunas na escola. Mas, na análise das

como artísticas certas práticas e produções de alunos e alunas. Já o termo “Arte” indica o componente curricular da educação básica.

² Conforme Emília Ferreiro (2004), alfabetização é o processo pelo qual o/a alfabetizando/a compreende a função social de um código e aprende a fazer uso dele socialmente.

³ Miriam Celeste F. D. Martins (1988) distingue as linguagens artísticas em: linguagem cênica (teatro e dança), linguagem musical (música instrumental e cantada) e linguagem visual (desenho, pintura, escultura, fotografia, cinema, entre outras).

causas do fracasso escolar devemos considerar, além desses fatores, externos à escola, os fatores intra-escolares que interferem na atuação e no desempenho do alunado.

Luís Eduardo Alvarado Prada (1997) afirma que em qualquer processo educativo as metodologias precisam levar em conta tanto dificuldades do professor e da professora em ensinar quanto dificuldades dos alunos e alunas em aprender. O mesmo entendimento tem Jaqueline Moll (1996), quando afirma que a construção da competência pedagógica para ensinar e aprender a linguagem escrita e oral poderá ocorrer na relação orgânica estabelecida entre teoria e reflexão sobre a prática pedagógica cotidiana. É necessário, portanto, ressignificar o espaço e o tempo de ensinar e aprender, com base nos estudos de novas propostas metodológicas para a alfabetização.

ARTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

É vasta a literatura acerca do valor das artes para o desenvolvimento infantil. Conforme Liomar Quinto de Andrade (2000), as práticas artísticas propiciam aos indivíduos uma forma de dinamizar sua capacidade para organizar percepções, sentimentos e sensações — conteúdos da vida psíquica vertidos em imagens e símbolos. Gianni Rodari (1982) enfatiza ser necessário trabalhar com a imaginação, fantasia e criatividade na educação escolar, simultaneamente com o desenvolvimento das linguagens oral e escrita, musical, visual, dramática e corporal.

Em obra coletiva (FERREIRA, 2001) as autoras abordam a importância do desenho, da música, da dança e do teatro para a construção do conhecimento na escola. O pensamento dessas autoras, cada uma ressaltando o valor de uma determinada linguagem artística, converge na idéia de que a arte desenvolve capacidades — para simbolizar, analisar, avaliar e julgar — úteis para a formação e expressão de idéias; promove o desenvolvimento afetivo e a construção de valores humanos; colabora para a apreensão do mundo com uma atitude estética; e ainda,

[...] contribui para o desenvolvimento individual e para a constituição de uma identidade cultural; através da arte é possível apreender as realidades do meio ambiente e desenvolver a percepção, imaginação, criatividade e crítica, capacidades que possibilitam tanto a compreensão quanto a transformação destas realidades. (ALMEIDA, 2001, p. 15).

Se as artes contribuem para o desenvolvimento pessoal e para a construção de diferentes conhecimentos escolares, não só pelos processos criativos que desencadeia, mas

também porque age nos domínios cognitivo, afetivo e motor, fica demonstrado o seu poder educativo. Muitos, entretanto, ainda condenam o emprego da arte como ferramenta pedagógica. Trata-se, no nosso entender, de uma posição radical. A utilização da arte para mediar a aprendizagem de diferentes conteúdos não significa que devemos abrir mão de sua presença no currículo como área de conhecimento e como disciplina, assegurada pela Lei n. 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1996).⁴

No que tange à alfabetização, a contribuição do desenho, em especial, é fundamental, pois “Desenho e escrita são substitutos materiais de algo evocado, manifestações da função semiótica mais geral e têm uma origem de representação gráfica comum.” (FERREIRO; TEBEROSKY 1985, p. 333).

Os estudos que tratam da relação entre artes e alfabetização ainda são poucos, no Brasil. Dentre eles se destaca o trabalho pioneiro de Analice Dutra Pillar (1988), que compara os processos de desenvolvimento gráfico-plástico com os da escrita. Para essa autora as atividades visuais “[...] contribuem positivamente na construção de representações de forma e espaço.” Segundo ela, a organização das representações de espaço é essencial na alfabetização, pois a “[...] compreensão dos sistemas de leitura e escrita passa necessariamente pelo espaço através do movimento”. (PILLAR, 1998, p. 25). A autora ressalta a contribuição da fala e do registro escrito, que com frequência ocorrem durante a realização de atividades artísticas, para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Para Pillar o desenho, a pintura, a dobradura, o recorte e colagem etc. são atividades que proporcionam aos alunos e alunas a oportunidade de se comunicarem articulando a percepção, a imaginação, a memória, a sensibilidade e a reflexão.

ATIVIDADES ARTÍSTICAS E PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO

O interesse pelas práticas pedagógicas de professores e professoras sempre esteve presente na nossa vida profissional, suscitando reflexões e nos impulsionando a pesquisar esta temática. Enquanto coordenadora de uma escola pública de ensino fundamental, uma de nós observou que as crianças se expressavam, participavam e progrediam na construção do conhecimento quando a aprendizagem da língua (oral e escrita) era desenvolvida com o auxílio das linguagens artísticas.

⁴ Esta é uma questão polêmica sobre a qual não nos estenderemos por escapar ao foco da temática tratada neste artigo.

Diante dos indícios de que as artes poderiam contribuir para a aprendizagem das linguagens oral e escrita decidimos pesquisar *como* isto ocorria naquela escola, situada em conjunto populacional, na periferia de Uberaba, Minas Gerais. Para tanto, investigamos práticas de alfabetização de três professoras atuantes em classes do primeiro ciclo do ensino fundamental (classes com crianças de sete anos). Escolhemos trabalhar com essas professoras por sabermos que, mesmo sem nenhuma formação na área de artes⁵ e com pouca familiaridade com a produção artística, essas educadoras combinavam a realização de desenhos, pinturas, dobraduras, modelagens etc., bem como a música, a dança e a dramatização, à produção de textos, poemas e letras de música. São essas práticas — que associam alfabetização e arte — que nos propusemos investigar a fim de responder à pergunta: atividades artísticas podem contribuir para o sucesso da alfabetização?

Para compreender a prática pedagógica das professoras alfabetizadoras foram recolhidas informações por meio de entrevistas semi-estruturadas, questionários e de observação não-participante em sala de aula. Também foram analisados documentos da escola e materiais pedagógicos utilizados pelas professoras, bem como as produções dos alunos e alunas resultantes das atividades artísticas realizadas em concomitância com as atividades orais e escritas próprias do processo de alfabetização.

Nas entrevistas as professoras afirmaram que suas experiências com arte, enquanto alunas, se limitaram à confecção de trabalhos relativos às datas festejadas nas escolas (Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia do Índio, Semana da Pátria, Semana do Folclore etc.) e de cartazes para a sala de aula (Atividades da Semana, Ajudante do Dia, Aniversariantes do Mês etc.), ressaltando a completa ausência, em sua formação, de uma prática artística e de estudos teóricos voltados ao ensino de arte na educação escolar. Enfim, tiveram uma formação — ou não-formação — que poderia resultar em um completo desinteresse pela arte ou levá-las a uma prática educativa corriqueira, limitada ao ensino de algumas danças e músicas e à seleção e distribuição de desenhos xerocadas ou mimeografados para serem coloridos pelas crianças. Não foi, entretanto, o que observamos nas aulas das professoras participantes da pesquisa.

Indagadas sobre a motivação que as levou ao emprego das artes na alfabetização uma das professoras relatou que sua prática mudou de forma significativa após uma visita que fez

⁵ Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional tenha assegurado o ensino das artes na educação básica, não determinou a sua obrigatoriedade em todas as séries. A menção ao ensino artístico é feita apenas no artigo 26, parágrafo 2º: “[...] o ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (BRASIL, 1996). Por esta razão, é reduzido o número de escolas que mantêm a disciplina Arte no currículo das séries iniciais do ensino

RPD – Revista Profissão Docente, Uberaba, v.10, n. 22, p. 72-90, jul/dez. 2010 – ISSN 1519-0919

ao Museu Casa de Portinari, em Brodowski. Desde então, deixou de lado os desenhos xerocados e passou a trabalhar com reproduções das obras do pintor que, no seu entender, enriqueceram as produções dos alunos e alunas (FIGURAS 1 e 2) ⁶:

Os alunos mostraram um grande interesse pelas obras do pintor e pela sua vida. Após contar a história da vida de Portinari, foi feita a análise visual e interpretativa das suas obras, e então as crianças fizeram poesias e textos maravilhosos, inspirados nas obras de Portinari. Trabalhei a leitura e a escrita através das atividades de releitura das obras, além de dramatizações do significado das pinturas. As atividades de modelagem, desenho, recorte, pintura e música vieram enriquecer as ações voltadas para a alfabetização, a partir do estudo da vida desse grande artista.

Outra professora explicou que desde criança é fascinada por música, e por isso a trouxe para a sala de aula (FIGURA 3).

O trabalho com música na alfabetização surgiu espontaneamente: eu comecei uma vez a cantar com as crianças músicas românticas que eu gosto muito (especialmente as músicas do cantor Fábio Júnior) e os alunos adoraram; aí eu continuei a trabalhar com música e não parei mais. Ensino a ler e a escrever basicamente através da letra das músicas, que são modificadas pela turma de acordo com as histórias de vida dos alunos.

Seu interesse pela música influenciou suas colegas de trabalho:

Costumo também conversar com outras professoras de alfabetização sobre a minha experiência com a música, que além de ser prazerosa é funcional, com excelentes resultados nas ações voltadas para a alfabetização. As minhas colegas gostam e até cantamos juntas, e elas levam algumas das minhas sugestões para a prática da sala de aula. É no espaço da minha sala que construo as músicas com os meus alunos, que dançamos, dramatizamos e trabalhamos a leitura e a escrita, desde a aprendizagem do alfabeto, palavras, frases, chegando aos textos através das histórias que as letras das músicas representam. [...] Eu alfabetizo os meus alunos através da música; em minhas ações pedagógicas busco, em especial, músicas folclóricas, músicas que estejam fazendo sucesso e paródias. Sem dúvida, o meu principal recurso de alfabetização é a música; por meio dela trabalho também a expressão corporal através da dança, dramatização, atividades visuais e envolvo ainda a literatura.

A terceira professora relatou que seu interesse pelas artes surgiu por influência de um dos seus filhos.

fundamental. Nelas, os conteúdos artísticos, quase sempre, são trabalhados por professores/as não licenciados/as em Educação Artística, Artes Visuais, Música, Dança ou Artes Cênicas.

⁶ No período em que foi realizada a pesquisa a escola adquiriu livros sobre Portinari e Tarsila do Amaral (AZEVEDO, 2004a, 2004b, 2004c; CUNHA, 2005). Tão logo tomaram contato com esses livros, as professoras propuseram às crianças a produção de poemas, redações, acrósticos, dobraduras, pinturas e desenhos relacionados à obra desses artistas.

Quando os meus filhos ainda eram pequenos, aconteceu um fato que mudou a vida do meu filho do meio e que, aos poucos, vem modificando a minha forma de ser. No bairro em que morávamos havia uma fábrica de sabão que desenvolvia algumas atividades para as crianças não ficarem na rua, enquanto as mães trabalhavam. Ensinavam a fazer sabão e outras coisas. Eu havia me separado do meu esposo, o meu pai havia falecido e eu não queria que os meus filhos ficassem na rua, aprendendo coisas erradas. Assim, incentivei-os a participar das atividades da fábrica. Quando cheguei do trabalho, fiquei sabendo que o meu filho, o mais novo dos meninos (11 anos), tinha sido escolhido — junto com o filho de um carteiro — para fazer curso de dança em uma famosa academia da cidade. Logo aquele filho que era muito tímido e não participava de nada na escola! Ele ganhou uma bolsa de estudos e de imediato se destacou na academia. Ele estudava na escola, trabalhava na fábrica e, no fim da tarde, ia para a academia. E nunca mais se distanciou das artes. Hoje, ele é bailarino profissional de um grupo de dança em Ribeirão Preto. [...] Por isso eu posso falar que somente com as experiências do meu filho é que me despertei para as artes. Mas tenho dificuldades de me comunicar, padeço muito com isso, e acho muito bom ver o meu filho se expressando tão bem através da dança, criando coreografias, participando de festivais e mostrando a sua arte. [...] então o meu mundo mudou, a minha maneira de olhar as coisas mudou quando o meu filho teve contato com as artes. Passei a me interessar por música, dança e festivais, oportunidades que eu não tive antes.

Essa professora acredita no poder das artes para trazer magia, criatividade, realização, prazer e alegria para a vida das crianças; no seu entender, se a professora alfabetizadora aprimora a sua cultura com o contato com as artes, terá mais condições para desencadear ações que colaborem para a aprendizagem dos alunos e alunas, relacionando as artes com as diversas áreas do conhecimento.⁷

Uma das três entrevistadas explicou como surgiu a motivação para as professoras trabalharem com as linguagens artísticas.

Durante as reuniões de professores ou nos horários de entrada e recreio, as professoras e eu costumamos trocar experiências de estratégias usadas na alfabetização e que facilitam ao aluno aprender a ler e a escrever. Mas não tem como alfabetizar com sucesso se não tiver humildade em aprender, amor pelas crianças e criatividade. Eu tento ser criativa, apesar de que é muito mais prático não criar, pois o que está pronto é mais fácil e cômodo para o professor. Mas não tem emoção trabalhar a alfabetização usando apenas o quadro, cartilhas ou folhas mimeografadas, por exemplo. Isso sem falar que é difícil para o

⁷ Atende, desta forma, a uma orientação do PCN — Arte: “[...] o professor poderá reconhecer as possibilidades de inserção entre elas [as várias modalidades artísticas] para o seu trabalho em sala de aula, assim como com as demais disciplinas do currículo.” (BRASIL, 1997, p. 57).

aluno aprender se o professor não for criativo, pois, existem as diferenças. Por isso eu optei em trabalhar com as artes. É um constante desafio!

No decorrer da pesquisa, sentindo-se valorizadas e estimuladas a divulgar o trabalho que realizavam, as professoras organizaram uma oficina de arte que foi ofertada a todas as crianças de um dos turnos da escola, que compreendia as classes dos primeiros anos do ensino fundamental. Os trabalhos produzidos nesta oficina — poemas e textos organizados em livros, murais, desenhos, pinturas etc. — foram apresentados em uma exposição; nela as crianças também se apresentaram lendo suas histórias, cantando, dançando e representando (FIGURAS 4,5 e 6).

Também nas salas de aula os trabalhos artísticos realizados pelos alunos e alunas, expostos ao lado de rótulos de embalagens, recortes de jornais e revistas, cartazes e livros, ajudam a compor o espaço como um ambiente alfabetizador. O fato de a sala receber a visita de outras turmas contribuiu para que alunos/as e professora se sentissem motivados a refazer constantemente esse espaço de aprendizagem (FIGURA 7).

As professoras relataram que, com as atividades artísticas, a escrita e a leitura tornaram-se mais significativas e prazerosas para as crianças, pois as ajudam a se expressarem quando não conseguem se comunicar por meio da linguagem verbal. Com efeito, a observação do desempenho das crianças em sala de aula mostrou ser grande o envolvimento e o interesse dos alunos e alunas por essas atividades.

Os dados obtidos na pesquisa nos permitem concluir que as práticas de alfabetização das professoras, ainda que não respaldadas por fundamentos teóricos ou por uma experiência de prática artística, têm um efeito positivo para a aprendizagem da leitura e escrita, indicando as possibilidades de mediação das atividades artísticas no processo de alfabetização.

Os resultados indicam que as linguagens artísticas, quando usadas como recurso facilitador da alfabetização, proporcionam experiências significativas e positivas que contribuem para a aprendizagem das expressões oral e escrita; elas impulsionam o desenvolvimento da imaginação e possibilitam à criança construir sua autonomia pelas oportunidades de escolher e tomar decisões em atividades não direcionadas pela professora. Mas, no nosso entender, a principal contribuição das artes nos primeiros anos escolares é que, ao articular a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão elas ampliam o conceito de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ARTE E FORMAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO

Elemento central a ser considerado na análise do fracasso escolar na alfabetização é a formação da professora alfabetizadora⁸. Assim, abordar o fracasso escolar requer, também, discutir uma política de formação para o magistério que considere não apenas os cursos de formação inicial, mas também a formação continuada dirigida a essas profissionais da educação.

Ainda que a arte seja componente curricular obrigatório na educação básica, a maioria dos cursos de Pedagogia não tem conseguido preparar os futuros professores e professoras para compreender o papel da arte na educação e para aplicar as linguagens artísticas no processo de mediação da aprendizagem.

Pesquisa recente acerca da formação do professorado brasileiro analisou os projetos pedagógicos de 71 cursos de Pedagogia, tendo constatado que todos os cursos “[...] contam com a disciplina identificada como Arte e Educação ou Educação e Arte, uma vez que se trata de componente curricular obrigatório na escola básica.” (GATTI; SÁ, 2009, p. 130). Sabemos, no entanto, que a presença dessa disciplina nos currículos de formação para o magistério não assegura os conhecimentos necessários para o exercício de uma prática pedagógica adequada. As futuras professoras não estão sendo efetivamente preparadas para trabalhar com as linguagens artísticas, ainda que em nível de iniciação. Derivam daí formas de ação não reflexivas que reproduzem práticas condenadas pelos documentos oficiais e pela literatura sobre ensino de arte.

Mas, se nem sempre acertam, nem sempre erram, como pudemos observar na pesquisa aqui relatada. É preciso, portanto, persistir nesta perspectiva, procurar maneiras de ensinar e aprender a ler e a escrever que associem atividades artísticas com atividades de linguagem oral e escrita para superar os desafios de uma fase primordial da educação escolar — a alfabetização —, oportunizando aos alunos e às alunas diferentes caminhos para a aprendizagem da língua portuguesa.

Sem dúvida, para reverter o fracasso escolar nas séries iniciais do ensino fundamental, políticas públicas voltadas para esse fim são imprescindíveis. Entretanto, educadores e educadoras não podem se eximir de sua responsabilidade; precisam discutir, pesquisar e refletir sobre os fatores intra-escolares que interferem em suas práticas pedagógicas e no desempenho dos alunos e alunas, bem como buscar alternativas capazes de promover um

aprendizado efetivo. Conforme Selma Garrido Pimenta (2002), para transformar a educação escolar a reflexão de professores e professoras sobre os contextos históricos, sociais, culturais, a organização escolar e a própria prática educativa é fundamental. Para a autora, a teoria só faz sentido se responder aos questionamentos oriundos da prática, se possibilitar aos professores e professoras, numa revisão (ou seja, ver novamente) de sua prática, a capacidade de impulsionar mudanças.

Com este artigo não temos a pretensão de chegarmos a conclusões definitivas acerca do emprego das linguagens artísticas na alfabetização, mas o desejo de compartilhar nossa esperança de que a arte, ao permitir outras formas de diálogo e de expressão de si, contribua para o sucesso da aprendizagem dos conteúdos escolares, por acreditarmos, tal como Silvia Maria Cintra da Silva (2002, p. 221), que “[...] a arte traz consigo a possibilidade de desencadear mudanças, sendo vetor de desenvolvimento e aprendizagem.”

Se o sensível e o artístico não podem ser desprezados quando se busca compreender a constituição do ser humano, como afirma Vygotsky (2003), é preciso vencer as amarras do tradicionalismo e visualizar novos paradigmas para a educação escolar, entre eles o de que as artes têm importância vital para a aprendizagem e desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001. p. 11-38.

ALVARADO PRADA, Luis Eduardo. **Formação participativa de docentes em serviço**. Taubaté: Cabral, 1997.

ANDRADE, Liomar Quinto de. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vector, 2000.

AZEVEDO, Heloiza de Aquino. **Candido Portinari** — telas e conceitos. Jundiaí: Árvore do Saber, 2004a.

_____. **Candido Portinari** — filho do Brasil, orgulho de Brodowski. Jundiaí: Árvore do Saber, 2004b.

_____. **Tarsila do Amaral** — a Primeira-dama da arte brasileira: diversas maneiras de olhar... Jundiaí: Árvore do Saber, 2004c.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Leis Ordinárias**. Brasília: Casa Civil da Presidência da República

⁸ Empregamos apenas o feminino, visto serem mulheres a maioria dentre os professores e professoras que atuam nos primeiros anos de escolarização.

Federativa do Brasil/Subsecretaria para Assuntos Jurídicos, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 11 agosto de 2010.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, v. 6. Arte. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CUNHA, Sérgio. **Arte, educação e projetos** — Tarsila do Amaral para crianças e educadores: Jundiaí: Árvore do Saber, 2005.

FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. **Relações de (in)dependência entre oralidade e ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GATTI, Bernadete A.; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá (Coord.). **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

MARTINS, Mirian C. F. D. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo** — poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível**. Reinventando o ensinar e o aprender. Porto Alegre: Mediação, 1996.

PILLAR, Analice Dutra. **Fazendo artes na alfabetização: artes plásticas e alfabetização**. Porto Alegre: Kuarup, 1988.

PIMENTA, Selma G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-52.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

SILVA, Sílvia Maria Cintra da. **Artes e educação** — na confluência das áreas, a formação do psicólogo escolar. 2002. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SOARES, Magda B. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento**. Brasília: INEP/Reduc, 1989.

VYGOTSKY, Lev S. **Imaginación y el arte en la infancia**. México: Hispânicas, 1982.

_____. A educação estética. In: _____. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 225-48.



FIGURA 1 – Releitura da obra *Três Marias*, de Portinari.
Fonte: acervo das pesquisadoras.

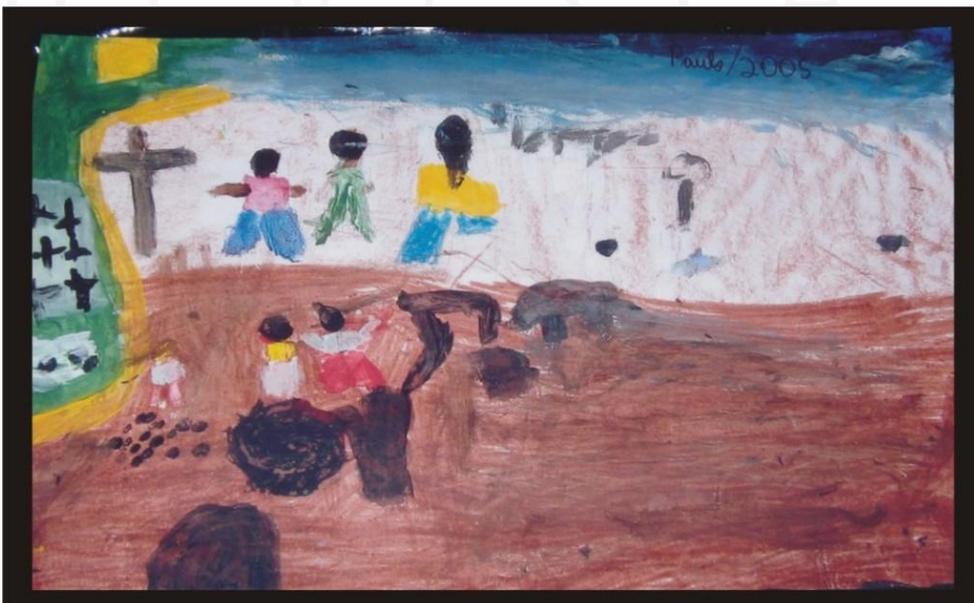


FIGURA 2 – Releitura da obra *Futebol*, de Portinari.
Fonte: acervo das pesquisadoras.



FIGURA 3 – Atividade combinando música e escrita.
Fonte: acervo das pesquisadoras.



FIGURA 4 – Apresentação de teatro de fantoches com textos produzidos pelas crianças.

Fonte: acervo das pesquisadoras.

REVISTA
PROFISSÃO
DOCENTE ON
LINE



FIGURA 5 – Exposição de trabalhos realizados na Oficina de Artes e Alfabetização.

Fonte: acervo das pesquisadoras.

REVISTA PROFISSÃO DOCENTE ON LINE



FIGURA 6 – Dramatização com texto produzido pelas crianças.
Fonte: acervo das pesquisadoras.

REVISTA PROFISSÃO DOCENTE ON LINE



FIGURA 7 – Sala de aula, ambiente de aprendizagem
Fonte: acervo das pesquisadoras.

Eliana Helena Corrêa Neves Salge

Graduada em Pedagogia, Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba, Assessora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, diretora da Escola Municipal Padre Eddie Bernardes, pedagoga do Departamento de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba, diretora de Gestão Educacional da Secretaria Mestrado em Educação Revista Profissão Docente UNIUBE – Universidade de Uberaba ISSN:1519-0919 www.uniube.br/propep/mestrado/revista/ Revista Profissão Docente, Uberaba, v.10 n. 22, 2010 Municipal de Educação e Cultura de Uberaba e Presidente do Conselho de Educação de Uberaba. MG.

Endereço eletrônico: elianasalge@terra.com.br

Célia Maria de Castro Almeida

Licenciada em Educação Musical e em Educação Artística pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, é membro do Grupo de Trabalho Educação e Arte da ANPEd, docente no Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, MG e é professora orientadora no programa de Mestrado em Educação Artística da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal.

Endereço eletrônico: celia.mca@gmail.com

Artigo recebido em agosto/2010

Aceito para publicação em dezembro /2010

REVISTA
PROFISSÃO
DOCENTE ON
LINE